

Cerrado: Ciência e neodifusionismo no jornalismo ambiental

Dalmo Oliveira da Silva¹

1. Introdução

Nossa proposta investigativa se enquadra na perspectiva da construção de novas epistemologias nos Estudos da Mídia, especialmente no que se refere às 1) Retóricas midiáticas – os discursos midiáticos; 2) Uma sociologia da mídia. E dentro do amplo e moderno conceito de mídia, estamos diretamente interessados em estudar o fazer jornalístico na contemporaneidade, entendendo o jornalismo como parte significativa de uma, assim chamada, cultura urbana.

As principais hipóteses verificadas durante uma investigação anterior², buscavam respostas para as seguintes observações epistemológicas:

- i) O discurso de divulgação científica, disponibilizado numa superfície discursiva, viabilizada pelo jornalismo, constitui-se num dispositivo simbólico específico no processo de construção de determinada realidade, marca da disputa simbólica por espaço e lugar de fala/enunciação;
- ii) O relise produzido pelos profissionais das assessorias de imprensa das instituições de pesquisa seria uma espécie de aperfeiçoamento de uma categoria de comunicação científica de “segunda mão”, que re-contextualiza o **discurso-primário** produzido pelos cientistas, entendendo a mídia como o cenário social privilegiado da atualidade onde o discurso sobre ciência e tecnologia é **re-apresentado** pelos jornalistas;
- iii) As assessorias de imprensa das instituições de pesquisa estão inseridas dentro de um sistema de divulgação científica de base midiática, agindo como mediadoras de informações oriundas diretamente de fontes científicas, distribuídas à imprensa de forma direta ou através de *gatekeepers*;
- iv) A re-apresentação discursiva no jornalismo científico é a re-textualização do **texto-fonte** da ciência, e essa modalidade enunciativa configura-se em **discurso-usuário**, ao percebermos o discurso do JC na mídia fomentado pelas formações discursivas oriundas de campos e matizes discursivos diversos;
- v) O discurso-usuário nutre um **neodifusionismo midiático**, que se configura como um tipo de **enunciação monológica** na textualização jornalística do discurso científico;
- vi) Jornalismo empresarial e difusionismo institucional se uniram para produzir um novo artefato

¹ Jornalista graduado pela UFPB; Especialista em Gestão da Informação no Agronegócio pela UFJF; Mestre em Comunicação pela UFPE. Analista II da Embrapa Algodão.

² “Linguagem científica e tecnológica no jornalismo da Embrapa - Anotações sobre discursos no relise difusionista”.

comunicacional , que passamos a denominar de **relise neodifusionista**;

- vii) Nessa perspectiva, a mídia atua como uma espécie de **difusora central**, estimulando a adoção ou rejeição de inovações e assumindo importante papel na consolidação de ideologias e nas disputas do poder simbólico institucionalizado;
- viii) Culturalmente invasivo, o **jornalismo neodifusionista** usa estratégias discursivas de convencimento e persuasão a partir de discursos importados da publicidade e do marketing, numa performance sintomática do jornalismo da atualidade;

2. Problema de pesquisa

O objeto de nossa pesquisa é, obrigatoriamente, a discursividade construída pelos jornalistas que cobrem Ciência, Tecnologia & Inovação (C,T&I) na imprensa brasileira cotidiana, assim como por aqueles jornalistas que realizam serviços de assessoria de comunicação em instituições de pesquisa. Uma discursividade verificável nas diversas superfícies e plataformas³ textuais utilizadas por esses profissionais. Nossa análise deve se ocupar, prioritariamente, dos **discursos-fonte** e dos **discursos-usuário** manejados por esses profissionais num processo que passamos a chamar de **neodifusionismo midiático**.

De modo geral, o problema de pesquisa central do estudo aqui proposto está relacionado aos processos de construção discursiva de comunicadores, tendo o jornalismo científico como plataforma de re-textualização para o difusionismo dos discursos oriundos das fontes técnico-científicas. Propomos-nos a uma análise da apresentação dos discursos sobre ciência no jornalismo cotidiano. Noutro sentido, buscamos construir bases epistemológicas para uma análise das discursividades que o jornalismo científico atual difunde.

O projeto prevê a identificação epistemológica de representações sociais (e discursivas) das ciências e da tecnologia, com o intuito de verificar se (e como) contribuem para a formação de uma cultura científica crítica para o público.

3. Neodifusionismo em jornalismo científico e ambiental

A estratégia difusionista economicista tende a ser hegemônica na construção das discursividades comunicacionais no jornalismo científico, fruto da tradição discursiva oriunda do corpo técnico-científico que serve de fonte aos jornalistas. Os jornalistas (e

³ Para a Análise de Discurso, superfícies e plataformas são estruturas discursivas por onde as discursividades circulam. O discurso jornalístico é a plataforma textual em maior evidência nesse trabalho.

demais comunicadores) adotaram essa discursividade re-textualizando as informações técnicas e científicas em formatos comunicacionais neodifusionistas.

O estudo se justifica à medida que as pesquisas no campo da Comunicação, na perspectiva de uma sociologia da mídia, ainda não refletiu suficientemente sobre as conseqüências, na sociedade contemporânea, desta prática discursiva adotada pelos comunicadores profissionais. Não se tem a dimensão do impacto deste tipo de estratégia discursiva na construção de uma cultura científica no âmbito dos consumidores dos produtos midiáticos, especialmente os jornalísticos. Sabe-se, por exemplo, que a priorização na difusão dos resultados de pesquisas, em detrimento à divulgação do processo investigatório, tem contribuído para a fomentação de uma recepção acrítica deste tipo de noticiário.

Academicamente, o estudo investe numa área da sociologia do conhecimento posta de lado pelas principais escolas deste campo. A teoria difusionista se tornou datada e fortemente vinculada aos processos desenvolvimentistas, analisados a partir dos anos 60's por teóricos capitaneados por Everret Rogers⁴. É nessa perspectiva que pretendemos buscar avanços epistemológicos que dêem conta de suportar as investigações, no âmbito das Ciências Sociais, que se caracterizem por um interface pluridisciplinar, envolvendo os campos da Sociologia, das Teorias da Comunicação, dos Estudos de Linguagem e da Filosofia do Conhecimento e suas adjacências epistemológicas e metodológicas.

4. Estado d'Arte

Em Max Weber, nos interessa questões relacionadas a uma Sociologia da Imprensa e Mídia e Modernidade. Em Karl Marx buscaremos explorar conceituações de ideologia, alienação, mercadoria e mais-valia, além buscar confrontar a ideia do capital e a perspectiva simmeliana de uma sociedade monetária.

Os estudos sobre o que passou a ser chamado de “neodifusionismo antropológico” foram iniciados na década de 70. Essa vertente teórica terá Wallerstein como representante de uma reação contra os teóricos do neoevolucionismo. A história escrita é utilizada como fonte indispensável nos estudos neoevolucionistas que se apóia na repercussão dos processos econômicos nas antigas sociedades.

Entre os principais representantes do difusionismo estão Graebner (1877-1942), Smith (1864-1922), Rivers (1864-1922). O difusionismo, seria, por sua vez, uma reação

⁴ ROGERS, Everett.M. Diffusion of Innovations. 4th ed. New York: Free Press, 1995. Nos últimos anos o próprio Rogers avançou em suas conceituações e auto-crítica à teoria difusionista.

às idéias de um “evolucionismo universal”. Enquanto o evolucionismo preconiza um desenvolvimento paralelo, o difusionismo se aprofunda nos processos que ocasionaram o contato cultural e o intercâmbio entre as diversas civilizações. Os difusionistas defendem que foi o contato entre as culturas que fez com que se estabelecesse um intercâmbio cultural, formador das culturas contemporâneas.

Para se compreender melhor essa teoria é preciso ter em mente o conceito de “empréstimo” ou “contaminação” cultural. Boudon & Bourricaud (1993, p.161) dizem que o processo de difusão tem sua gênese nos estudos de epidemiologia, considerando que difusão pode ser considerado semelhante a “contaminação”:

O processo logístico é um processo fundamental em epidemiologia (o crescimento do número de indivíduos contaminados é proporcional ao número de agentes contaminadores e ao número de indivíduos não contaminados e, por conseguinte, vulneráveis).

Na crise econômica dos anos 80 do século passado, ressurgiu o discurso tecnológico neodifusionista, apostando nos novos usos tecnológicos como redenção social, dando início aos conceitos de sociedade da informação ou do conhecimento.

Academicamente, o estudo investe numa área da sociologia do conhecimento posta de lado pelas principais escolas deste campo: o difusionismo.

Nossa hipótese é de que esse discurso tecnológico neodifusionista prevaleceu na discursividade da divulgação científica e do jornalismo científico. Os profissionais de comunicação, principalmente aqueles contratados para difundir as inovações das instituições de pesquisa, adotam largamente a discursividade neodifusionista.

O resultado dessa contaminação discursiva neodifusionista pode ser verificado no noticiário sobre C, T & I, profundamente pautado pelas assessorias de imprensa dos institutos científicos. O processo de *agenda-setting* é outro sintoma desta contaminação discursiva no noticiário sobre tecnologia e ciências.

Deve ser ressaltado ainda que mesmo o atual processo de produção científica e tecnológica está intimamente atrelado às demandas institucionais, diferentemente do que ocorria há menos de dois séculos, quando os pesquisadores e cientistas mantinham uma certa autonomia sobre os objetos de suas investigações.

Nesse sentido, a comunicação de ciências e tecnologia tornou-se apenas uma extensão do processo neodifusionista, funcionando quase como uma resposta automática que as instituições científicas e a própria comunidade científica oferece juntamente com os resultados finais da pesquisa.

O jornalismo científico torna-se, assim, refém da discursividade de uma **ciência**

encomendada. Por isso dizemos que o discurso do jornalismo científico é um discurso-usuário, assim como o discurso científico se tornou, invariavelmente, um discurso-usuário da discursividade econômica.

6. Análise de discurso da mídia nas ciências sociais

Do ponto de vista do método, a ideia é desenvolver novas epistemologias para a análise de discurso da mídia nas ciências sociais. A identificação de representações sociais (e discursivas) das ciências e da tecnologia será uma das primeiras estratégias metodológicas, com o intuito de verificar se (e como) contribuem para a formação de uma **cultura científica crítica** para o público. Além da Análise Crítica do Discurso, a pesquisa se funda na Sociologia do Conhecimento, Teoria da Representação Social e nos referenciais epistemológicos sobre Cultura Científica, Divulgação Científica e Jornalismo Científico.

Na perspectiva de observar a retórica midiática sobre C,T&I, que tenta diminuir as distâncias entre as modalidades discursivas, fundindo discursos verbais e discursos simbólicos-imagéticos, poderemos separar as categorias discursivas em três moldes:

i - Informação

ii – Entretenimento

iii – Estética

No primeiro grupo analisaremos conteúdos utilitários para a vida em sociedade difundidos pelo jornalismo científico e tecnológico. No molde ii vamos analisar a discursividade científica como entretenimento midiático, produto ideológico dentro de uma lógica da dialética da tranquilização. No terceiro molde, a ideia é analisar a difusão midiática pela ótica de uma estética científica, vinculada ao prazer cognitivo. Essa função estética da ciência pode ser vista com base nos conceitos de cultura objetiva e cultura subjetiva, estabelecidos por Georg Simmel.

Observaremos o jornalismo científico contemporâneo como parte de uma narrativa de uma realidade languageira, que opera a re-apresentação da realidade através do enunciado jornalístico.

Buscaremos verificar como esse jornalismo engendra uma atualização permanente da realidade. E ainda, buscar elementos que dêem a noção do tempo da audiência, suas estratégias cognitivas e de resposta a esse tipo de noticiário, a partir de noções da teoria do auditório (PERELMAN, 1984). Interessa-nos, especialmente, compreender como se processa o sistema de resposta social da mídia (BRAGA, 2006) no campo do jornalismo científico. Quais as estratégias de retorno alimentadas pelo, assim chamado, “público-alvo”.

Nossa hipótese epistemológica é de que a estratégia difusionista tende a ser hegemônica na construção das discursividades comunicacionais no jornalismo científico. Os jornalistas (e demais comunicadores) adotaram essa estratégia re-textualizando as informações técnicas e científicas em escrita midiática neodifusionista. Por outro lado, buscamos identificar formações discursivas na discursividade midiaticizada da divulgação científica, para medir a relação de dependência e de hegemonia dos campos científico e jornalístico.

7. Corpus demonstrativo

Para o momento apresentamos a análise de um *corpus* reduzido, composto de quatro notícias divulgadas pelas assessorias de imprensa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), coletada do site institucional desta estatal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Os relises foram divulgados entre janeiro 2010 e março de 2011, e o filtro de seleção foi o de notícias que possuíssem conteúdos com as palavras “cerrado” e “algodão”.

A ideia básica seria verificar qual o tratamento discursivo que os jornalistas da Embrapa dão às notícias sobre C&T enfocando o bioma Cerrado a partir da cobertura da cadeia produtiva da cotonicultura, uma das mais impactantes, do ponto de vista ecológico, naquele ambiente.

Antes de analisarmos as notícias, é importante comentar alguns dados sobre a cotonicultura brasileira no Cerrado. Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul são hoje os estados do Centro-Oeste maiores produtores de algodão herbáceo. Outros estados brasileiros que produzem algodão no Cerrado são a Bahia e o Maranhão na região Nordeste. Eles usam sistemas de produção que apresentam características semelhantes às utilizadas pelos produtores do Centro-Oeste.

Segundo a Embrapa, até o início da década de 90, a produção de algodão no Brasil concentrava-se nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. “Após esse período, aumentou significativamente a participação do algodão produzido nas áreas de cerrado, basicamente da região Centro-Oeste. Esta região, que em 1990 cultivava apenas 123.000 ha (8,8% da área de algodão do país) passou para 479.000 ha em 2002, correspondendo a 63,0% do total da área”, informa a estatal⁵.

Desde o início da década de 90, a Embrapa passou a promover pesquisas para o desenvolvimento de cultivares de algodoeiro adaptáveis às condições do Cerrado brasileiro. A obtenção e distribuição da cultivar CNPA ITA 90, a partir de 1992, foi

⁵ Fonte: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Algodao/AlgodaoCerrado/importancia.htm>

considerado o marco para a consolidação da cotonicultura na região. Desde 1997, a Unidade da Embrapa que pesquisa algodão tem lançado de uma a três cultivares por ano para o Cerrado, que tem aproximadamente metade de sua área de algodão plantada com variedades da Embrapa.

A estatal divulga em seu site institucional o seguinte:

Como alternativa para rotação com a soja, os produtores do Centro-Oeste viram no algodão uma grande oportunidade de negócios. A segunda metade da década de 90 significou um marco na migração da cultura do algodoeiro, das áreas tradicionalmente produtoras para o cerrado brasileiro. Hoje esta região responde por 84% da produção brasileira de algodão, tendo o estado de Mato Grosso como maior produtor brasileiro. O sucesso da cultura do algodoeiro no cerrado tem sido impulsionado pelas condições de clima favorável, terras planas, que permitem mecanização total da lavoura, programas de incentivo à cultura implementada pelos estados da região e, **sobretudo, o uso intensivo de tecnologias modernas. Este último aspecto tem feito com que o cerrado brasileiro detenha as mais altas produtividades na cultura do algodoeiro no Brasil e no mundo, em áreas não irrigadas. A Embrapa vem participando decisivamente da aventura do algodão no cerrado através da geração e transferência de tecnologias.** A cada ano, vêm sendo lançadas pelo menos duas novas cultivares e sendo desenvolvidos novos sistemas de produção e de manejo integrado de pragas e doenças, visando atender a uma demanda crescente por novas tecnologias.

O presente sistema de produção de algodoeiro no cerrado que a Embrapa está disponibilizando, resulta da necessidade dos clientes, de acesso imediato a informações precisas sobre temas que envolvem toda a cadeia produtiva do algodoeiro no cerrado. Constitui-se em uma contribuição a mais e espera-se que seja de grande utilidade para o desenvolvimento da cultura do algodoeiro nesta região de grande importância para o agronegócio brasileiro.

(...) Atualmente, a região Centro-Oeste responde por 74,47% do algodão produzido no Brasil. Somando-se a produção do Centro-Oeste com a da Bahia e do Maranhão, o algodão do cerrado representa mais de 80,0% da produção nacional.

O deslocamento da produção de algodão para a região dos cerrados, principalmente do Centro-Oeste, foi resultante das condições favoráveis para o desenvolvimento da cultura e da utilização de variedades adaptadas às condições locais, tolerantes a doenças e com maior potencial produtivo, aliadas às modernas técnicas de cultivo. **(Grifos nossos).**

Podemos verificar, pelo trechos acima destacados, que a empresa se utiliza de uma discursividade carregada de conotações positivistas em relação ao uso da tecnologia em favorecimento das “altas produtividades” da cotonicultura nos Cerrados. Esse discurso, com fortes tons difusionistas, vai “contaminar” toda a escrita jornalística produzida pelos assessores de imprensa da estatal, como poderemos verificar a seguir.

Para as regiões de Cerrado, abrangendo os Estados de Mato

Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rondônia, Maranhão e Piauí, estão disponíveis as cultivares de algodão de fibra branca BRS 269-Buriti e BRS 293. A BRS 269-Buriti é uma cultivar de ciclo longo, com elevado vigor de crescimento, resistente às principais doenças que ocorrem no Cerrado, com destaque para sua resistência à ramulariose. Sua produtividade média é próxima de 4,60 t/ha de algodão em caroço, com percentagem de fibra entre 38,5 % a 40,5%. O comportamento rústico, com tolerância a estresses bióticos (doenças) e abiótico (estresse hídrico), e responsivo com a melhoria dos ambientes, confere à BRS 269-Buriti ampla adaptabilidade. (“Embrapa indica cultivares de algodão para a safra 2010/2011”. Publicada em 15/12/2010)

O trecho acima destaca a produtividade das cultivares indicadas pela Embrapa, além das outras vantagens competitivas que possuem em relação a outros materiais. Vejamos o seguinte:

O objetivo da implantação do algodão em bases empresariais no cerrado do Centro-Oeste e Nordeste era a de adaptar a região para a geração e transferência de tecnologia em parceria. Uma das metas era o aproveitar a mecanização da soja para a cultivar de algodão. Isso provocou algumas mudanças, como a do perfil tecnológico do produtor de algodão, que passou a ser especializado e de alto nível tecnológico. A formação de um pool de produtores, para a aquisição de insumos, comercialização de pluma, diretamente junto a indústria têxtil e para exportação, foi outro investimento da estratégia.

O resultado não poderia ser melhor, segundo Eleusio. O investimento em geração e transferência de tecnologia chegou a US\$ 6,6 milhões/ano e a produtividade do algodão passou de 419 kg/ha para 2.906 kg/ha, o que representa um aumento de 693%. O sistema de produção sustentável no cerrado aumentou em 17% de rentabilidade com o trio algodão-soja-milho. As exportações anuais atingiram 390 mil toneladas de pluma ao ano e o potencial de expansão para plantação foi de quatro milhões de hectares. (“Fibras e energia: expectativas dos setores de algodão, açúcar e florestas”. Publicada em 19/07/2010)

Nesse trecho a notícia revela a intencionalidade da empresa: “transferência de tecnologia”, numa clássica estratégia difusionista. O texto revela ainda que a introdução das novas tecnologias exigiu mudanças no perfil do produtor de algodão dos Cerrados, “(...) que passou a ser especializado e de alto nível tecnológico”. O relise revela ainda o investimento na estratégia difusionista: “(...) O investimento em geração e transferência de tecnologia chegou a US\$ 6,6 milhões/ano”. Rentabilidade e exportações também são palavras-chaves inscritas na notícia que indicam o alvo da difusão tecnológica na região.

Pesquisadores de seis unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, vinculada ao Ministério da Agricultura,

Pecuária e Abastecimento, em cooperação com várias instituições de pesquisa ligadas a agricultura, irão estudar o nível de ocorrência da doença no cerrado e no sul do país e os efeitos de práticas agrícolas, assim como definir estratégias de prevenção e manejo para o controle da doença. Atualmente, o controle do mofo branco vem sendo realizado pelo uso de fungicidas, o que apresenta um alto custo e eficiência questionável. (“Pesquisa estuda manejo para controle do mofo branco”. Publicada em 15/01/2010)

No trecho do relise acima, o discurso jornalístico da assessoria de imprensa da Embrapa se apóia na argumentação da “eficiência” para justificar estudos visando diminuir os custos econômicos com aplicação de fungicidas na cotonicultura.

Vamos ao último relise analisado:

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) estima que a contribuição global da polinização para agricultura gira em torno de US\$ 65 a 70 bilhões. Entretanto, o desmatamento e o uso excessivo de pesticidas vêm provocando a redução dos agentes polinizadores, o que pode resultar na perda da produtividade e, no futuro, trazer sérios problemas para agricultura mundial.

Para fazer frente a esse problema, a FAO convidou diversos países, entre eles o Brasil, África do Sul, Quênia, Gana, Índia, Paquistão e Nepal, a participarem do projeto de “Conservação e manejo de polinizadores para agricultura sustentável através de uma abordagem ecossistêmica”, que visa estabelecer uma rede internacional de pesquisa sobre a polinização.

No Brasil, o projeto conta com a participação da Embrapa Algodão, que tem por objetivo investigar os insetos que atuam na polinização do algodoeiro. “Nesse projeto vamos realizar o inventário das abelhas visitantes florais do algodoeiro nas áreas de Caatinga, onde os produtores familiares estão cultivando o algodão no sistema agroecológico e também observaremos as espécies do Cerrado, pois acreditamos que serão diferentes, em função do bioma e do manejo praticado na região”, explica a entomologista e pesquisadora da Embrapa Algodão, Lúcia Helena Avelino Araújo. (“Embrapa Algodão integra rede internacional de pesquisa sobre polinização”. Publicado em 25/10/2010)

Mesmo quando o assunto é “agricultura sustentável” e “sistemas agroecológicos”, pesquisadores e jornalistas da Embrapa centram suas discursividades na argumentação econômica, como se vê no trecho acima, onde a “perda de produtividade” é destacada logo no parágrafo de introdução da notícia.

8. Algumas conclusões

Mesmo quando a análise recai sobre um *corpus* reduzido, a partir de um recorte de tempo também pequeno, é possível encontrar elementos textuais, nos relises produzidos por jornalistas da referida empresa, que corroboram com as hipóteses que levantamos nessa pesquisa.

Os textos divulgados pela Embrapa mostram que os jornalistas da empresa constroem uma discursividade refém do campo semântico economicista, com forte influência das estratégias do discurso neodifusionista. Essa contaminação discursiva chega à sociedade através da mídia que “compra” os relises de forma acrítica e não-reativa.

A análise discursiva proposta mostra ainda que o modelo comunicacional adotado por institutos de pesquisa, que atuam no bioma Cerrado, está longe de se configurar enquanto proposta menos determinista de jornalismo ambiental, numa, assim chamada, Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia.

A presença constante e repetitiva de elementos textuais e argumentativos oriundos de uma *matriz discursiva* economicista, produtivista, capitalista e eficientista, evidenciam a consolidação, dentro das estratégias de uma escrita nas assessorias de imprensa e na própria mídia nacional, de uma discursividade neodifusionista.

9. Referências bibliográficas

Livros

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. Dicionário Crítico de Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1993.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

DURKHEIM, Emile. A Divisão do Trabalho Social. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1977.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

HABERMAS, Jurgen. O Discurso Filosófico da Modernidade. Martins Fontes, 2002.

MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Vol. 1 cap. 1).

MARX, K & ENGELS, F. - A Ideologia Alemã. Editora Hucitec, 1991 (Parte I).

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PERELMAN, Chaïm. The new rhetoric and the rhetoricians. Quarterly Journal of Speech. 70, May, 1984, p.188-196.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____ Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora UNB, v I. 1991; v. II, 1999.

Referências online

http://antropologia.idoneos.com/index.php/Escuelas_antropológicas

<http://www.agustin.brito.es.tl/2-.-Teorias-da->

Antropologia.htm?PHPSESSID=6ae600ef16b62ef4ecb4077e43667caf

<http://www.infoamerica.org/Andalucia/uno5.htm>

<http://www.cnpa.embrapa.br/produtos/algodao/index.html>